

**STRANGER  
THINGS**



**STRANGER  
THINGS**

**RAÍZES  
DO MAL**

**GWENDA BOND**

Tradução de Stephanie Fernandes



Um obrigada afetuoso ao consultor criativo Paul Dichter

Copyright © 2019 by Netflix CPX, LLC e Netflix CPX International, B.V.

Tradução publicada mediante acordo com Del Rey, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

STRANGER THINGS™ é uma marca registrada da Netflix CPX, LLC e NETFLIX CPX International, B.V. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Stranger Things: Suspicious Minds

REVISÃO

Giu Alonso  
Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Scott Biel

IMAGEM DE CAPA

Tony Mauro

ADAPTAÇÃO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B694s

Bond, Gwenda

Stranger Things : raízes do mal / Gwenda Bond ; tradução de Stephanie Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
304 p. ; 23 cm. (Stranger Things ; 1)

Tradução de: Stranger Things : suspicious minds  
ISBN 978-85-510-0436-4

1. Ficção americana. I. Fernandes, Stephanie. II. Título. III. Série.

19-55337

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para todas as mães impetuosas e inspiradoras,  
especialmente a minha*



## Prólogo

**JULHO DE 1969**

**Laboratório Nacional de Hawkins  
Hawkins, Indiana**

O homem dirigia um carro preto impecável por uma estrada plana de Indiana e diminuiu a velocidade ao se aproximar da cerca metálica com um aviso de área restrita. O guarda na cabine apareceu na janela por não mais que um segundo, verificou o número da placa e acenou para que ele entrasse.

O laboratório obviamente estava à espera dele. Talvez já tivessem até seguido as diretrizes e especificações que ele enviara com antecedência para preparar o novo setor.

Quando ele parou ao lado da guarita, baixou a janela para apresentar o documento de identificação ao soldado que trabalhava no posto de segurança. O funcionário examinou sua carteira de habilitação e evitou olhá-lo nos olhos. Era comum que fizessem isso.

Ele dedicava toda a sua atenção a novas pessoas, pelo menos num primeiro momento — uma avaliação rápida, catalogando-as por gênero, altura, peso, etnia, e então pela possível inteligência e, mais importante, pelo potencial. Quase sempre, as pessoas se tornavam menos interessantes após esse último critério. Mas ele nunca se dava por vencido. Observava e examinava por força do hábito, elemento crucial de

seu trabalho. A maioria das pessoas não tinha nada que lhe interessasse, mas quando tinham... E era por causa delas que estava ali.

O soldado foi fácil de medir: homem, 1,73 metro, 82 quilos, branco, inteligência mediana, potencial... alcançado na banquetta da guarita, verificando documentos de identidade, e o outro braço, que provavelmente nunca usava, estava apoiado no quadril.

— Seja bem-vindo, sr. Martin Brenner — disse o soldado, por fim, estreitando os olhos para comparar o homem na sua frente com a foto no documento.

Ironicamente, o documento apresentava informações que o próprio Brenner gostaria de saber se estivesse avaliando a si mesmo: homem, 1,85 metro, 88 quilos, branco. O resto: genialidade, QI, potencial... infinitos.

— Fomos informados sobre sua visita — acrescentou o soldado.

— Dr. Martin Brenner — corrigiu ele, com calma.

O guarda espiou o interior do carro, direcionando seu olhar não a Brenner, exatamente, mas ao banco de trás, onde a paciente Eight, de cinco anos de idade, dormia toda encolhida, espremida junto à porta, com as mãos fechadas sob o queixo. O cientista preferiu supervisionar o transporte dela para o novo prédio por conta própria.

— Claro, dr. Brenner — disse o guarda. — Quem é a garota? Sua filha?

Um clima de desconfiança pairava no ar. Eight tinha um tom de pele bem escuro, contrastando com o tom pálido e leitoso da dele, detalhe que Brenner poderia alegar que não significava nada. Mas o guarda não tinha nada a ver com isso, e, além do mais, ele não estava errado. Brenner não era pai de ninguém. Figura paterna, sim.

Para todos os efeitos, sim.

— Acredito que estejam me esperando lá dentro.

Brenner analisou o homem mais uma vez. Um soldado que regressara de alguma guerra passada, uma guerra que tinham vencido. Ao contrário do Vietnã. Ao contrário da escalada silenciosa contra os soviéticos. Já estavam engajados em uma guerra pelo futuro, mas aquele homem não sabia disso. Brenner manteve o tom amigável.

— Recomendo não fazer perguntas após a chegada dos demais pacientes. É confidencial.

O guarda pareceu não gostar do conselho, mas relevou. Seus olhos se voltaram para o complexo de diversos andares que se estendia diante deles.

— Sim, estão à sua espera lá dentro. Pode estacionar em qualquer vaga.

Outra coisa que nem precisava ser dita. Ele seguiu com o carro.

Uma repartição federal burocrática e tediosa havia pagado pela construção e manutenção geral das instalações, e outros braços do governo, braços secretos, tinham arcado com as despesas para equipá-lo segundo as especificações de Brenner. Por ser ultrassecreta, a pesquisa não podia ser divulgada. A Agência compreendia que grandes feitos nem sempre podiam seguir procedimentos-padrão. O governo russo podia até saber tudo que acontecia em seus laboratórios, mas era o primeiro a calar as vozes que se levantavam contra seus projetos. Em algum lugar, naquele exato momento, os cientistas comunistas estavam fazendo o mesmo tipo de experimento para os quais o complexo marrom de cinco andares e sabe-se lá quantos subsolos havia sido erguido. Os funcionários de Brenner eram lembrados disso sempre que se esqueciam ou faziam perguntas demais. O trabalho do dr. Brenner era prioridade máxima.

Eight ainda estava dormindo quando ele saiu do veículo e foi até a porta de trás. Ele a abriu devagar, escorando as costas da menina para que ela não saísse rolando pelo estacionamento. Havia sido sedada por questões de segurança. Era um recurso importante demais para ficar nas mãos de qualquer outra pessoa. Até então, as habilidades dos pacientes tinham sido... decepcionantes.

— Eight?

Brenner se inclinou para o banco de trás e sacudiu de leve o ombro da menina.

Ela balançou a cabeça, ainda de olhos fechados.

— Kali — murmurou.

O nome verdadeiro. Ela insistia em ser chamada assim. O cientista não costumava fazer as vontades dela, mas era um dia especial.

— Kali, acorda. Você está em casa.

Ela piscou, faíscas emanando de seus olhos. Mas entendera errado.

— Na sua *nova* casa — acrescentou.

As faíscas sumiram.

— Você vai gostar daqui.

Ele a ajudou a se levantar, deu um empurrãozinho para que se mexesse e estendeu a mão.

— Agora o papai precisa que você ande um pouquinho, que nem uma mocinha. Depois pode voltar a dormir.

Por fim, a mão pequenina dela se encaixou na dele.

À medida que se aproximavam da entrada, o dr. Brenner abriu o sorriso mais doce contido no arsenal de seus lábios. Pensou que seria recebido pelo diretor do laboratório, mas em vez disso se deparou com uma mulher e uma fileira de homens, todos de jaleco. Sua equipe de pesquisa, deduziu, todos à beira de um ataque de nervos.

Um homem bronzeado de rosto enrugado — muito tempo ao sol — deu um passo à frente e estendeu a mão. Olhou para Eight e então para o dr. Brenner, os óculos de armação grossa com as lentes engorduradas.

— Dr. Brenner, sou o dr. Richard Moses, o pesquisador principal. Estamos muito felizes por ter alguém do seu calibre aqui. Queríamos que você conhecesse a equipe assim que chegasse. E essa deve ser...

— Kali — respondeu a garota, com esforço, ainda meio grogue.

— Uma menininha sonolenta que está louca para conhecer seu novo quarto — completou o dr. Brenner, ignorando a mão estendida do pesquisador. — Eu pedi um só para ela, se não me engano. Depois que nos acomodarmos, gostaria de conhecer os pacientes que vocês reuniram.

Brenner observou as portas do saguão, avaliando qual seria a mais segura, e se dirigiu até lá com Eight, deixando pelo caminho um rastro de silêncio que parecia interminável. Seu sorriso era quase genuíno antes de desaparecer por completo.

Meio sem saber o que fazer, o dr. Moses, o dos óculos engordurados, logo foi atrás dele, seguido pelo restante do bando, todo mundo afoito e murmurando entre si. Moses acelerou o passo e foi até o interfone se identificar.

Dava para ouvir o burburinho do falatório hesitante e inseguro entre os demais médicos e funcionários do laboratório que os seguiam.

— Os pacientes não foram preparados — comunicou o dr. Moses, enquanto a porta dupla se abria.

Ele não tirava os olhos de Kali, que parecia cada vez mais alerta, de olho nos arredores. Não podiam perder tempo, era preciso acomodá-la.

Dois soldados armados estavam empertigados feito estátuas do outro lado da porta, um sinal de que pelo menos o esquema de segurança do lugar não deixava a desejar. Os homens verificaram o crachá do dr. Moses, e ele acenou para que poupassem o dr. Brenner do escrutínio.

— Ele ainda não tem o cartão de identificação.

Os homens não gostaram nem um pouco da situação, mas a aprovação da entrada do dr. Brenner rendeu mais alguns pontos ao laboratório.

— Da próxima vez já vou estar com o cartão — disse ele. — E vamos tirar cópias da papelada dos pacientes para deixar com vocês.

Ele meneou a cabeça discretamente na direção de Eight.

O soldado assentiu, e o grupo todo passou.

— Eu deixei bem claro que queria conhecer os novos pacientes assim que chegasse. Não deveria ser uma surpresa.

— Achamos que você só queria dar uma olhada — respondeu o dr. Moses. — Não seria melhor estabelecermos parâmetros? Para prepará-los para a sua visita? Pode acabar causando distúrbios e atrapalhando as pesquisas. Os psicodélicos deixam alguns deles paranoicos.

O dr. Brenner levantou a mão.

— Não, eu não quero dar só uma olhada, ou teria dito isso a vocês. Para onde estamos indo, afinal?

Luminárias pendiam do teto do longo corredor, emitindo o brilho sinistro que quase sempre ilumina as descobertas científicas desse mundo sombrio. Pela primeira vez naquela manhã, o dr. Brenner sentiu que poderia fazer daquele laboratório seu novo lar.

— Por aqui — indicou o dr. Moses. Ele vasculhou a horda em busca da única mulher presente e falou: — Dra. Parks, pode pedir para trazerem comida para a menina?

Ela mordeu o lábio, descontente por ter que fazer algo que claramente era visto como “trabalho de mulher”, mas assentiu.

Para o alívio do dr. Brenner, Eight ficou quietinha, e logo chegaram a um quarto modesto, com um beliche pequeno e uma escrita-

ninha. Ele solicitara um beliche para garantir à menina que estava *mesmo* em busca de companhias apropriadas para ela.

Eight logo notou.

— Para um amigo?

— Uma hora vai ser — disse ele. — Alguém vai trazer comida daqui a pouco. Tudo bem você esperar aqui sozinha?

Ela fez que sim. A animação que sentira pela chegada ao laboratório já estava se esvaindo — a dose de sedativo tinha sido pesada —, e ela afundou na beira da cama.

Quando o dr. Brenner se virou para ir embora, trombou com um faxineiro e a mulher da equipe.

— Ela vai ficar bem sozinha? — perguntou o dr. Moses, com as sobrancelhas arqueadas.

— Por ora, sim. — O homem se virou para o servente. — Sei que parece só uma criança, mas trate de seguir os protocolos de segurança. Ela pode surpreendê-lo.

O funcionário ficou confuso, mas não disse nada.

— Vamos até o primeiro quarto — ordenou o dr. Brenner. — Todos os demais podem aguardar com seus pacientes, mas não há necessidade de preparar qualquer um deles.

O restante da equipe esperou pela anuência do dr. Moses, mas ele só deu de ombros, aflito.

— Façam o que o dr. Brenner diz.

Eles se dispersaram. Estavam aprendendo como as coisas iam funcionar dali em diante.

O primeiro quarto abrigava um paciente inegável para recrutamento por conta do pé torto. Ele tinha o olhar permanentemente vidrado de alguém cuja ferramenta predileta de distanciamento da realidade era a maconha. Mediano em todos os aspectos.

— Quer que mediquemos o próximo paciente? — perguntou o dr. Moses.

Era evidente que não estava familiarizado com os métodos do dr. Brenner.

— Eu aviso se precisar de alguma coisa, pode deixar.

O dr. Moses assentiu, e eles seguiram por mais cinco quartos. Era como ele esperava. Duas mulheres, nenhuma delas excepcional; três

homens, diametralmente opostos ao espectro do excepcional. A não ser talvez pela mediocridade — nisso se destacavam.

— Reúna todo mundo em uma sala para que possamos conversar — pediu o dr. Brenner.

Ele foi conduzido até uma sala de reunião, onde aguardou até que o dr. Moses, sempre apreensivo, retornasse com a equipe completa, que se posicionou ao redor da mesa. Dois homens tentaram jogar conversa fora para fingir que os eventos daquela manhã não eram incomuns. Dr. Moses mandou que se calassem.

— Estamos todos aqui — avisou.

Brenner estudou a equipe com mais atenção. Dariam um pouco de trabalho, mas havia potencial em sua atenção silenciosa. Medo e autoridade caminhavam de mãos dadas.

— Todos os pacientes que conheci esta manhã estão dispensados.

— Ele fez um aceno com a mão. — Paguem o que lhes foi prometido e tratem de lembrá-los do acordo de confidencialidade.

A sala assimilou as palavras do médico. Um dos tagarelas levantou a mão.

— Doutor?

— Pois não.

— Meu nome é Chad e sou novo nisso, mas... por quê? Como vamos conduzir os experimentos?

— “Por que” é um questionamento que sempre impulsiona a ciência — comentou o dr. Brenner.

Chad, o novato, assentiu, e Brenner acrescentou:

— Só que é preciso ter tato para fazer esse tipo pergunta aos superiores. Mas vou dizer por quê. É importante que todos estejam a par do que estamos fazendo aqui. Alguém tem um palpite?

A resposta seca direcionada a Chad deixou todos inibidos. Por um instante, Brenner imaginou que a mulher se pronunciaria, mas ela apenas cruzou os braços.

— Ótimo! Não tolero achismos e suposições. Estamos aqui para ultrapassar as fronteiras da capacidade humana. Não quero ficar estudando humanos insignificantes. Eles não nos darão resultados extraordinários.

Ele perscrutou a sala. Estavam todos absortos.

— Imagino que todos estejam a par das dificuldades do projeto, e a ausência de resultados de vocês foi o que me trouxe aqui. Passamos por alguns constrangimentos recentemente, e muitos deles estão ligados a pacientes inadequados. Quem achou que presos e sujeitos fadados a hospícios seriam de alguma ajuda estava redondamente enganado. Desertores e maconheiros tampouco servem. Estou transferindo mais alguns pacientes jovens para cá para um programa adjacente, mas gostaria de trabalhar com uma gama de faixas etárias. Tenho razões para acreditar que a combinação de substâncias químicas psicodélicas e estímulos certos pode revelar os segredos que buscamos. Pensem nas vantagens que teríamos se pudéssemos persuadir os inimigos a falar, se pudéssemos confundir a cabeça deles e assumir o controle de sua mente... Mas não vamos atingir os resultados que queremos sem as pessoas certas, e ponto final. Manipular uma cabeça fraca não é nada. Precisamos daqueles com potencial.

— Mas... onde vamos arrumar essas pessoas? — perguntou Chad.

Brenner decidiu que iria dispensá-lo até o fim do dia. Inclinou o corpo para a frente.

— Vou estabelecer um novo protocolo de controle para a identificação de candidatos nas universidades parceiras, e então selecionar os pacientes eu mesmo. O trabalho de verdade está para começar.

Ninguém se opôs. Sim, estavam aprendendo como as coisas iam funcionar dali em diante.